

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
ESPECIALIZAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

JULIANA RIBEIRO COSTA

CRESCIMENTO CHINÊS: AMEAÇA OU OPORTUNIDADE?  
A VISÃO REALISTA DO DESENVOLVIMENTO DA CHINA  
E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O SISTEMA INTERNACIONAL

Brasília

2011

JULIANA RIBEIRO COSTA

CRESCIMENTO CHINÊS: AMEAÇA OU OPORTUNIDADE?  
A VISÃO REALISTA DO DESENVOLVIMENTO DA CHINA  
E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O SISTEMA INTERNACIONAL

Monografia apresentada a Universidade de  
Brasília - UNB, requisito parcial para obtenção  
do título de Especialista em Relações  
Internacionais.

Orientador: PhD Virgílio Caixeta Arraes

Brasília

2011

COSTA, Juliana Ribeiro.

Crescimento Chinês: Ameaça ou oportunidade? A visão realista do desenvolvimento da China e as implicações para o sistema internacional. Juliana Ribeiro Costa. – Brasília, 2011.

51 f.

Monografia apresentada para obtenção de título de Especialista em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília – UnB. Orientador: Professor Virgilio Caixeta Arraes.

1. Crescimento chinês 2. Teoria da Ameaça Chinesa 3. Segurança internacional 4. Relações na Ásia-Pacífico.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus e aos meus familiares por todo apoio e compreensão: Mara, Marcondes, Manuella, Yael, Ariel, Nazareth, D. Francisca, D. Maria, Juliana, Arielly, Luis Gustavo, João Vitor e Masaharu. Muito obrigada!

## SUMÁRIO

	LISTA DE ILUSTRAÇÕES	vi
	RESUMO	vii
	ABSTRACT	viii
	INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1	O CRESCIMENTO CHINÊS E A PARTIR DE CRITÉRIOS FUNDADOS NO DETERMINISMO E NO VOLUNTARISMO APLICADOS ÀS RI	
1.1	O aporte determinista nas RI	11
1.2	O aporte voluntarista nas RI	14
CAPÍTULO 2	DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E MILITAR DA CHINA	
2.1	Aspectos econômicos	19
2.2	Aspectos militares	23
2.3	Considerações sobre os aspectos econômicos e militares da RPC	28
CAPÍTULO 3	O CRESCIMENTO CHINÊS VISTO COMO UMA AMEAÇA À LÓGICA VIGENTE DO SISTEMA INTERNACIONAL	31
	CONCLUSÃO	40
	REFERÊNCIAS	46

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01:	Mapa de alcance dos mísseis balísticos nucleares (China)
GRÁFICO 01:	Taxa de crescimento chinês
GRÁFICO 02:	Crescimento do déficit norte-americano no comércio com a China
GRÁFICO 03:	Áreas de investimento militar chinês
GRÁFICO 04:	Verba militar per capita
GRÁFICO 05:	Despesas militares no mundo, 2008
TABELA 01:	Importações e exportações chinesas em 2005
TABELA 02:	Participação da China no CI em 2010
TABELA 03:	Comércio entre China e EUA
TABELA 04:	Verbas destinadas à Defesa (China)
TABELA 05:	Verbas destinadas à Defesa (EUA)

## RESUMO

COSTA, Juliana Ribeiro. *Crescimento chinês: ameaça ou oportunidade? A visão realista do desenvolvimento da China e as implicações para o sistema internacional*. Universidade de Brasília – UnB. Orientador: Professor Virgílio Caixeta Arraes. Abril de 2011.

O objetivo desta pesquisa é determinar, através de análise bibliográfica, se o concebimento do crescimento da China como ameaça ao sistema internacional é a variável mais compatível com os fatos vistos até o momento em relação ao crescimento econômico e político daquela nação. Há exposição das concepções determinista e voluntarista de inserção e crescimento no sistema internacional. Expõe-se a visão acadêmica realista que define o crescimento chinês como uma ameaça ao sistema. Na tentativa de identificar o espectro e alcance desta ameaça são apresentados dados econômicos e militares da China. Por fim, busca-se analisar os dados expostos e verificar se há compatibilidade entre o entendimento da China como ameaça e o perfil do seu crescimento visto a partir de sua abertura comercial.

**Palavras-chave:** Crescimento chinês; Teoria da Ameaça Chinesa; segurança internacional; relações na Ásia-Pacífico.

## ABSTRACT

COSTA, Juliana Ribeiro. *China's rise: threat or opportunity? The realist perspective on Chinese development and its implications to international system*. Universidade de Brasília. Advisor: Professor Virgilio Caixeta Arraes. April, 2011.

The major purpose of this research is to identify through bibliographical analysis whether the conception that China's rise poses a threat to international order is the most consistent view considering the historical background of its growth. Determinism and voluntarism aspects are shown in order to point out their views regarding dynamics of transformation in the structure. The realist theory is used to corroborate the idea of seeing China as a threat. Military and economic data are exposed in order to identify the reach of this threat. Lastly an analysis is demonstrated so that it is possible to relate the consistency of perceiving China as a threat and the way that country developed since its economic opening.

**Key words:** Chinese rise; China Threat Theory; international security; Asia-Pacific relations.



## INTRODUÇÃO

Desde o fim da guerra fria, a região da Ásia-Pacífico tem chamado grande atenção por parte de acadêmicos, políticos e, em especial, de Estados do hemisfério norte. As interações entre as grandes forças presentes na região – Japão, China, Índia, EUA – imputaram grande significância aos debates e medidas de política externa no continente. A perspectiva do século XXI no que concerne à estabilidade e dinâmica de poder na Ásia provocou o crescimento do interesse político e econômico naquela área. Em especial, a China é uma nação emergente que está transformando, concomitantemente, sua política interna e economia, expandindo sua influência regional e demandando respeito e reconhecimento dos grandes atores mundiais.

O crescimento econômico chinês e seus constantes investimentos militares trazem preocupação para múltiplos atores, regionais ou não. A China desconstrói a idéia de que a única maneira de atingir a prosperidade é através da fórmula democrática-liberal emplacada pelas potências ocidentais. A economia chinesa não é caracterizada nem pelo modelo liberal (EUA), nem pela economia social de mercado (Europa). É uma economia com livre mercado de trabalho, livre mercado de commodities e, em breve, livre fluxo de capitais. Se por um lado há grande competitividade mercadológica, por outro há forte intervenção do Estado no uso da terra e dos recursos naturais, e também há algumas, porém fortes, companhias estatais impulsionando a competitividade interna e externamente.

O crescimento chinês provoca intensos debates em relação às possíveis implicações à política internacional e a estabilidade global. O cerne dessas discussões movimenta-se entre dois pólos: o de se a China é uma ameaça ou uma oportunidade. Se ela é uma potência conservadora comprometida a manter o *status quo* ou se é um crescente revisionista que deve ser sufocado por outras nações poderosas. Realistas argumentam que o surgimento de uma potência afeta a distribuição das capacidades e que o vertiginoso crescimento da influência chinesa certamente irá gerar conflitos entre grandes potências.

A China vem buscando, simultaneamente, um papel proativo nas relações internacionais e se envolver mais profundamente nas questões mundiais. Soma-se a isto a clara demonstração de que o país participa ativamente nos quadros de cooperação regional e vem trabalhando sua imagem como uma potência disposta a cooperar.

Contudo, existem aqueles que a vêem como uma ameaça ao sistema e ao desenvolvimento das RI. Em especial, a vertente que postula este tipo de idéia tem caráter determinista. Por outro lado, há um aspecto que rejeita a concepção determinista do sistema internacional e crê no desenvolvimento chinês com bastante otimismo e a partir de questões voluntaristas.

Este estudo tem por objetivo delinear o entendimento do avanço da influência chinesa e seu crescimento econômico como uma ameaça ao sistema. Para tanto, utilizou-se aspectos da teoria realista e do determinismo nas RI para identificar as bases dessa percepção negativa do crescimento vertiginoso da maior potência emergente atual.

## CAPÍTULO 1 – O CRESCIMENTO CHINÊS A PARTIR DE CRITÉRIOS FUNDADOS NO DETERMINISMO E NO VOLUNTARISMO APLICADO ÀS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

### 1.1. O aporte determinista nas relações internacionais

Teorias estruturalistas influenciam substancialmente o discurso acadêmico contemporâneo de Relações Internacionais (WENDT, 1987, pp. 335). Este renomado autor construtivista debate ontologicamente o papel da estrutura internacional como agente de transformação da política externa dos Estados. A busca pela relação entre estrutura e agente é delineada neste item através da coerção sofrida pelos atores em função das limitações impostas pelo cenário internacional.

Na perspectiva determinista, as relações entre Estados no cenário internacional apresentam constantes efeitos anunciados. Nas Ciências Naturais, a relação de causa e efeito é imutável e há, por parte dos teóricos de RI, aplicação dessa mesma lógica para o seu campo de estudos. O comportamento do agente, na visão determinista, é embutido de radicalismo que sempre o leva a uma direção específica. Os atores não são livres, decisões essencialmente políticas são aceitas ou coibidas pelo sistema internacional.

Em Relações Internacionais (RI), o determinismo infere justamente a pressão que o Sistema impõe sobre o Estado. Para aqueles afeiçoados aos modelos deterministas, as ações e escolhas humanas são praticamente insignificantes no que concerne a mudanças radicais na lógica do Sistema ou na coordenação de ações entre os atores internacionais.

*To many realist writers [...] the system is deemed important for its impact on international actors. [...] Realist writers portray the system as having a life of its own. [...] Statesmen are granted too little autonomy and too little room to maneuver, and the decision-making process is seemingly devoid of human volition. Human agents are pawns of a bloodless system that looms over them, a structure whose functioning they do not understand and mechanics of which they only dimly perceive. Statesmen are faced with an endless array of constraints and few opportunities. It is as if they are engaged in a global game, a game called power politics, and they are unable to change the rules even if they so desire. (KAUPPI & VIOTTI, 1998, p. 83-84).*

A partir desse contexto pode-se observar que, para as teorias deterministas, o sistema internacional tolhe a conduta das unidades. O fortalecimento dessa estrutura se dá através da história e cada vez mais esse comportamento é reforçado por uma série de

constrangimentos – sejam de viés político, econômico, militar ou social. Assim, os raros ensejos de transformação são coagidos, especialmente quando os atores são os Estados mais fracos (FRIEDMAN & STARR, 1997, pp. 10).

*For Wendt, determinism is a reflection of, and follows from, the deep structure of the world. Wendt's scientific realism is, in turn, inseparable from his view of historical progress. What makes scientific inevitable, i.e., a rump material reality science is trying to describe, is the same reality that moves history towards progress. This substantially reduces the scope for agency, and consequently diplomacy, in a double sense: it limits the very stakes of diplomacy and also the actual choices diplomats have. (SÁRVÁRY in GUZZINI & LEANDER, 2006, pp. 160)*

Logo, inserido no escopo determinista, o agente é percebido como um ente sem chances significativas de livre-escolha. Sempre irá existir uma estrutura delineando o seu comportamento e coibindo suas ações. Assim são os Estados: estruturas políticas incapazes de mudar a lógica do sistema internacional através de suas escolhas. O comportamento desse ator deve seguir um modelo apontado pela conjuntura internacional, caso contrário é passível de sofrer retaliações ou não atingir seus objetivos.

*Os líderes estatais não possuem orientação política explícita para encarar os problemas práticos da política mundial. Isso ocorre porque eles têm pouca ou quase nenhuma escolha, devido à estrutura internacional delimitadora onde devem operar. (JACKSON & SORENSEN, 2007, p. 126).*

Nesse sentido, cabe ressaltar que a visão determinista das RI impõe barreiras estruturais para a definição da política externa dos Estados. As circunstâncias do Sistema trazem esse caráter limitador para os agentes. Desta forma, a estrutura define a política adotada, ou seja, há grande limitação nas escolhas. Este fator leva os Estados a agirem de forma automática no cenário internacional, priorizando seus interesses e obedecendo às normas de uma ordem vigente.

Para JACKSON & SORENSEN (2007, p. 128), outro fator que corrobora a concepção determinista das RI remete à administração ou manutenção do panorama em vigor pelas potências de um referido Sistema. Os grandes atores possuem altíssimo interesse em manter uma ordem que os favoreça, logo, perpetrar mudanças na lógica estrutural importaria desgaste àqueles que são beneficiados pelo modelo. Em RI, isto significa ampla possibilidade de enfrentamento.

Por tudo que foi dito, cabe sintetizar que o determinismo nas RI se dá através da inaptidão dos Estados em se desvencilhar de um arcabouço de interferências ou influências perpetrado pelo sistema internacional. Os agentes utilizam suas capacidades em busca de garantir a consecução de seus interesses sob a pressão de constrangimentos estruturais que definem e cerceiam suas escolhas. É em um mundo com esta visão que a China fatalmente se tornará uma ameaça e, automaticamente, os agentes mais fortes irão

se impor a este fato, gerando conflito em um sistema balanceado pela ordem determinista.

A chamada Teoria da Ameaça Chinesa tem suas raízes em preceitos deterministas, isto pois a ascensão desta República não se dará pacificamente. Esta concepção adota preceitos realistas do entendimento das relações internacionais, em que o surgimento de uma nova potência trará conseqüências graves para o sistema internacional. Nesta concepção o realismo tradicional é sobrepujante, firmando em questões de *high and low politics*. No entanto, a inserção chinesa no mundo globalizado provocou naquele Estado o interesse por uma nova interpretação sobre a caracterização do poder nas RI, incluindo tópicos como a economia e a tecnologia (DENG, 1998, p. 311).

A China vê o mundo a partir de um condicionamento histórico vivido nos séculos anteriores. A questão da intervenção e dominação de outros Estados é algo que transformou a visão chinesa de medidas imperialistas. . O anseio nacionalista chinês surge em um período do século XIX no qual seu território e comércio sugeriam certa imposição por parte de potências estrangeiras. Esse aspecto de submissão fica mais claro quando colocamos em pauta as Guerras do Ópio (1840-1842 e 1856-1860), as quais foram justificadas por questões comerciais. É devido aos fatos decorrentes naquele período que a China construiu uma visão realista do multilateralismo (Idem, p. 313).

Com uma visão peculiar das relações internacionais, Deng Xiaoping impôs à política externa chinesa princípios não hegemônicos para que o país pudesse crescer à sombra de ideais internacionais já postulados. A não ingerência em assuntos nacionais seria o primeiro dos quesitos para a pacífica inserção da China no sistema, levando em consideração fatores como a integridade territorial e soberania.

In the 1990s, there has been a renewed emphasis in China on "the five principles of peaceful co-existence," first enunciated in the 1950s: mutual respect for territorial integrity and sovereignty; mutual non-aggression; mutual non-interference in internal affairs; equality and mutual benefit; and peaceful co-existence.<sup>9</sup> Since 1988, Deng Xiaoping and other Chinese officials and scholars have preached frequently that these principles should be the guidelines for the "new international political order. (DENG, 1998, p. 319)

Assim como algumas potências encaram o crescimento chinês como uma ameaça, os chineses também interpretam algumas práticas ocidentais ofensivamente. No campo da política mundial, os chineses inferem que a globalização é uma nova forma de imperialismo e que as vantagens são destinadas somente a alguns. Ademais, os chineses observam que a globalização, de certa forma, ultrapassa as barreiras do Estado e desafiam a soberania (SHENZHI, 1995, p. 126).

Por outro lado, foi a globalização que abriu portas para o crescimento vertiginoso do país e, neste aspecto, leva-se em conta outro aspecto presente nos estudos de relações internacionais, o voluntarismo.

## 1.2. O aporte voluntarista nas relações internacionais

Quando se coloca em pauta o voluntarismo nas RI, temos outro panorama. Em contrapartida ao determinismo, a lógica voluntarista é sustentada pelos efeitos causados a partir das ações do indivíduo provenientes de suas escolhas. Desta forma, a realidade é originada pela vontade e ação humana.

*Voluntarism is the opposite to determinism within studies of human behavior, in its emphasis on the role of human self-determination – of the role of consciousness and choice in shaping personal behavior and, thence, of developments in politics and economics. (BARRY-JONES, 2001, pp. 823)*

A capacidade do indivíduo de fazer escolhas ou tomar decisões que podem gerar transformações na lógica social é consagrada como premissa central do voluntarismo. A concepção do sistema internacional está diretamente relacionada às deliberações humanas. Isso significa que as escolhas feitas pelos agentes influenciam substancialmente os seus destinos, individuais ou coletivos. Admitindo a perspectiva voluntarista, o mesmo pode ser deduzido em relação ao cenário internacional.

Ao contrário do argumento determinista, a proposta baseada na capacidade de mudança findada nas escolhas dos agentes observa que não há uma força superior agindo sobre os Estados e impondo comportamento demarcado aos atores. No campo das RI, os indivíduos que geralmente agem e têm capacidade para transformar a realidade são os chamados *decision makers* ou *policymakers* – estes apresentam escolhas importantes e são aptos a influenciar possíveis resultados.

Autonomia é uma característica fundamental dos agentes. É através de sua liberdade e vontade que o indivíduo se impõe e não mais se revela como um ator coagido e determinado pelo sistema. Como inferido em Kauppi & Viotti (1998, p. 219): “*Statesmen impose themselves on events, not the reverse*”.

O voluntarismo é peça central na lógica multilateral empreendida pelos Estados atualmente. Nesse sentido, os indivíduos têm papel capital no cenário internacional.

*Individual statesmen can, if they are willing, shape the world order. They have to deal with power and they understand that political choices have to be made among competing alternatives if international regimes for the management of interdependence are to be maintained in such fields as money, trade, postal service, telecommunication, fishing, and environmental protection. (KAUPPI & VIOTTI, 1998, p. 209).*

A ênfase dada ao indivíduo, às escolhas, ao possível delineamento do destino e à possibilidade de causar impactos na realidade são características do Voluntarismo que podem nos levar a transitar no campo das mudanças. Se há possibilidade de escolhas e vontade para segui-las, as mudanças são praticáveis. Uma vez que a transformação do ambiente ou de sua lógica é resultado de decisões racionalizadas pelo agente, acredita-se que a mudança pacífica se torna algo tangível (KAUPPI & VIOTTI, p. 221).

O debate sobre a importância do indivíduo para explicar o comportamento do sistema é recorrente no campo das RI – sendo o seu cerne a discussão entre determinismo e voluntarismo. Se as relações internacionais forem entendidas a partir da noção de sistema internacional, é necessário enfatizar que outros níveis de análise, como o indivíduo e as decisões internas aos Estados, são praticamente irrelevantes. Entretanto, se a compreensão das relações internacionais for baseada no escopo voluntarista, os níveis de análise antes dispensados originam o entendimento – isto ocorre uma vez que as escolhas geradas por indivíduos, grupos e instituições podem afetar substancialmente o funcionamento da política mundial.

Nesse sentido, temos o voluntarismo como um aporte que possibilita a transformação do ambiente em que as relações entre agentes internacionais ocorrem e, por conseguinte, a característica endógena do sistema internacional defendida pelo determinismo é contraposta. De acordo com a lógica voluntarista, o sistema internacional está aberto e sujeito a mudanças, tudo enfatizando o papel do livre arbítrio em detrimento da coação do sistema internacional. A vontade influencia os resultados. Os líderes políticos, através de múltiplas opções, são capazes de direcionar os eventos transformadores da realidade internacional. Nas RI os Tratados Internacionais representam o voluntarismo estatal.

Nesse contexto, é possível identificar que as relações entre os atores de RI admitem não só os fluxos comerciais, mas também as estruturas políticas formadas no cenário de interdependência. Este modelo infere o ambiente internacional como um palco de cooperação e não conflituoso.

O atual volume de trocas realizado entre os Estados proporcionou, ao longo dos séculos, o fomento da dependência entre sociedades e governos. Nessa lógica é difícil perceber a continuidade do desenvolvimento das economias mundiais sem a interação com os outros Estados. Atualmente, a sobrevivência econômica dos Estados depende diretamente das relações mantidas entre si.

Na perspectiva da interdependência, a multiplicidade de fatores que atualmente compõem as relações internacionais é surpreendente e seria demasiado simplista reduzi-las unicamente à força militar ou ameaça de guerra. A falta de um poder central não inibe o processo de interdependência. O aporte teórico que defende os processos de interação econômica entre os Estados infere que os conflitos trariam danos intensos às nações, e isto serve de motivo para que eles não se engajem militarmente.

*As the states of East Asia become increasingly integrated into the world economy, the question of whether economic interdependence is force for peace or a force for war takes on renewed significance. [...] Those in favor of engagement argue, among other things, that drawing China into the global economy will encourage it to be peaceful. This argument is founded on the liberal thesis that trade fosters peaceful relations by giving states an economic incentive to avoid war: the main benefits received from trade make continued peace more advantageous than war. (COPELAND in IKENBERRY & MASTANDUNO, 2003, pp. 323)*

Logo, a possibilidade do surgimento de um cenário conflituoso, em meio a um palco de intensificação das trocas econômicas, é significativamente reduzida, uma vez que o sucesso econômico se sobrepõe aos custos de um conflito direto. Outro fator que atualmente difere da lógica Realista é a busca dos Estados pelas manobras de *soft power*.

*Soft power is the ability to get what you want through attraction rather than coercion or payments. Think of the impact of Franklin Roosevelt's Four Freedoms in Europe at the end of World War II; of young people behind the Iron Curtain listening to American music and news on Radio Free Europe; of Chinese students symbolizing their protests in Tiananmen Square by creating a replica of the Statue of Liberty [...] When you can get others to want what you want, you do not have to spend as much on sticks and carrots to move them in your direction. Seduction is always more effective than coercion. [...] Hard power, the ability to coerce, grows out of a country's military and economic might. Soft power arises from attractiveness of a country's culture, political ideals, and policies. When our policies are seen as legitimate in the eyes of others, our soft power is enhanced. (NYE in ILGEN, 2005, pp. 25)*

Seguindo esta linha, a integração da China ao sistema internacional acontece através de vários pontos, seja devido ao aumento nos fluxos comerciais ou na tentativa



de angariar *soft power*, como por exemplo, a competição com a Índia para o título de sede do Budismo e, portanto, o espaço cultural de definição do “perfil espiritual” da Ásia (PINTO, 2008b).

É importante levar em conta que a sociedade internacional contemporânea tem uma base cultural. A característica dessa cultura não remonta a um exclusivo modo de vida ou interação social, ou seja, não é uma cultura em que todas as sociedades pensam, agem e têm as mesmas preferências e credos, mas sim a cultura da chamada “modernidade”.

A China comunista se abriu para um mundo imerso na lógica da modernidade que, de acordo com Ianni (1997), sugere a ocidentalização do mundo. A inserção chinesa na dinâmica multilateral de interdependência denota o avanço do neoliberalismo e, conseqüentemente, do capitalismo ao país vermelho do extremo oriente. A ordem governamental chinesa é desafiada pelos padrões e valores sócio-culturais da ocidentalidade, principalmente sob suas formas européia e norte-americana (IANNI, 1997, pp. 75).

*A tese da modernização do mundo sempre leva consigo a tese de sua ocidentalização, compreendendo principalmente os padrões, valores e instituições predominantes na Europa Ocidental e nos EUA. É uma tradução da idéia de que o capitalismo é um processo civilizatório não só “superior”, mas também mais ou menos inexorável. Tende a desenvolver-se pelos quatro cantos do mundo generalizando padrões, valores e instituições ocidentais. É claro que sempre se acomoda ou combina com os padrões, valores e instituições com as quais se defronta na mais diferentes tribos, sociedades, nações, nacionalidades, culturas e civilizações. Pode conviver mais ou menos tensa ou pacificamente com outras formas de organização da vida e trabalho; mas em geral predominando. (IANNI, 1997, pp. 77)*

Cabe ressaltar que este processo de ocidentalização ou inserção na dinâmica de interdependência ainda não trouxe completamente a China para o mundo capitalista, pois suas estruturas social e política interna ainda recaem nos padrões comunistas. Contudo, é importante salientar que as trocas comerciais e as interações políticas e sociais perpetradas pelo país em sua política exterior remontam às instituições liberais criadas ao longo do século XX pelas potências ocidentais.

Outro aspecto imprescindível do cenário internacional vigente remete à participação de novos atores. O Estado, titular de deveres e direitos legais e morais, compartilha espaço na sociedade internacional com as organizações internacionais (OI's), grupos não-estatais de vários tipos e indivíduos.

*Enquanto o liberalismo baseava-se no princípio da soberania nacional, ou ao menos o tomava como parâmetro, o neoliberalismo passa por cima dele, deslocando as possibilidades de soberania para as organizações, corporações e outras entidades de âmbito global. [...] O que cria a ilusão da integração, ou homogeneização, é o fato indiscutível da força do ocidentalismo conjugado com o capitalismo. (Idem, 1997, pp. 79 e 89)*

A força não é mais o instrumento político de maior importância: as relações econômicas, os processos sociais (migrações, movimentos civis) e a presença das organizações internacionais passam a ter significativa preponderância sobre o antigo mecanismo de violência. Somado a isso, existem outras modificações relevantes em relação ao antigo entendimento do cenário internacional através da política de poder, como a existência de múltiplos canais de comunicação e influência.

A ausência de hierarquia temática também é uma característica importante do mundo a partir da visão de interdependência. De acordo com Copeland (IKENBERRY & MASTANDUNO, 2003, pp. 334) “International trade is not simply a question of ‘low politics’ having little to do with the core issues of national survival.” Ademais, a segurança não é mais exclusivamente o tema central.

*While the traditional Anglo-American realists considered military security as high politics, Chinese tend to place greater emphasis on economic and technological development. This difference is attributable to China’s recent conviction that international politics is now characterized by the competition for comprehensive power on a wide range of battlegrounds in, inter alia, military, political, economic and technological areas. (DENG, 1998, pp. 315)*

Sumarizando, a atuação de múltiplos agentes é possibilitada através dos canais de comunicação criados no cenário internacional – a troca de informações gera mais credibilidade entre os atores e para o sistema internacional. E, por fim, a condução das RI no modelo de interdependência apresenta caráter cultural da ocidentalidade. Internamente, a China pode ainda não ter adquirido todos os valores ocidentais, porém sua inserção no mundo e o alcance de sua atuação certamente é baseado em fatores voluntaristas e é impulsionada por um caractere significativo da ocidentalidade.

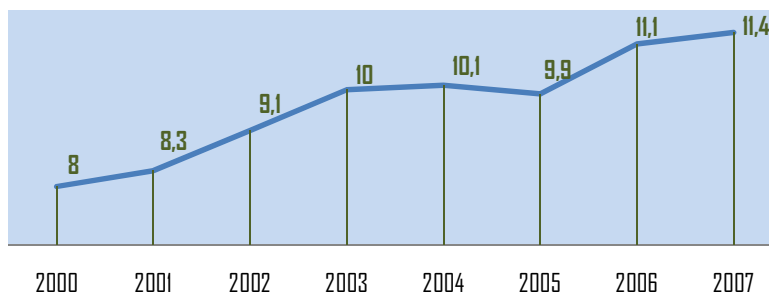
## CAPÍTULO 2 – OS ASPECTOS ECONÔMICOS E MILITARES DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA

Este tópico tem por objetivo definir o status econômico e militar da China no mundo atual. Mostrou-se necessário abordar as capacidades reais daquele país para que ficasse claro a posição que ele ocupa atualmente no cenário mundial.

### 2.1. Aspectos econômicos

Ao encerramento da década de setenta, a República Chinesa presenciou uma série de mudanças na dinâmica que delineava suas relações econômicas devido à abertura comercial do país. A partir de então, extraordinariamente, o crescimento do PIB real chinês apresenta média de 9,7% a.a (Gráfico 01).

Gráfico 01: Taxa do crescimento chinês (%)



Fonte: World Trade Organization, International Trade Database

Se, em anos anteriores, havia somente especulação sobre a acelerada caminhada chinesa rumo ao topo das exportações mundiais, atualmente observa-se que os analistas defensores deste tópico estavam certos: a China tornou-se, em 2010, o maior exportador mundial. Acadêmicos e políticos inferem que a realização deste feito foi baseada em sua política de reformas econômicas, especialmente em relação às ineficientes empresas estatais e seu sistema bancário.

O comércio é a força motriz da ascensão chinesa. Em 2005, as exportações cresceram 28,4% - atingindo US\$ 762 bilhões (bi) – e as importações aumentaram

17,6% - atingindo US\$ 660 bi - produzindo um superávit de US\$ 102 bi<sup>1</sup>. A China ocupa o primeiro lugar na lista de grandes economias, superando gigantes como os EUA e a Alemanha<sup>2</sup>. O resultado desse crescimento extraordinário vem dos inúmeros investimentos diretos de capital externo e das exportações varejistas de bens de consumo. Veja abaixo (Tabela 01) os parceiros de importação e exportação da CHINA no ano de 2005:

Tabela 01: Importações e Exportações Chinesas em 2005

País	Comércio Total	Exportações Chinesas	Importações Chinesas	Balanco Comercial Chinês	Balanco Total Reportado Pelo Parceiro
(US\$ Bilhões)					
ASEAN	130,4	55,4	75	-19,6	N/A
Estados Unidos	211,6	162,9	48,7	114,2	-201,6
Hong Kong	246,8	124,5	122,3	2,2	-4,7
Japão	184,5	84	100,5	-16,5	-28,5
União Européia	219,3	143,7	75,6	68,1	-132

Fonte: *Official Chinese Trade Data and Global Trade Atlas*

A economia chinesa e seus números volumosos são fonte de preocupação para os estadunidenses, uma vez que há mais portas abertas para as exportações chinesas do que para as importações dos EUA. Ademais, as exportações chinesas para os EUA impõem alta pressão competitiva para as indústrias americanas. Nesse sentido, existe um peso muito grande para que a CHINA se insira completamente nas regras da OMC – especialmente em relação à proteção dos direitos de propriedade intelectual, sua política monetária e o uso de subsídios (SETSER, 2008, pp. 19).

De acordo com os dados da OMC, é possível verificar que a China tornou-se um grande exportador, em termos mundiais, ficando atrás apenas da Alemanha (Ver Tabela 02). Contudo, a entrada de bens de consumo estadunidenses no país não seguiu a mesma tendência. Se por um lado, a China é o segundo maior vendedor para os EUA, por outro o país ocidental não aparece entre os cinco primeiros fornecedores chineses.

<sup>1</sup> Ministry of Commerce – People's Republic of China. Dados disponíveis em: <http://english.mofcom.gov.cn/static/column/statistic/ie.html/1>. Acesso: 03/jan/2011.

<sup>2</sup> World Trade Organization. Dados disponíveis em: <http://stat.wto.org/CountryProfile/WSDBCountryPFView.aspx?Language=E&Country=CN.DE.US>. Referente ao ano de 2010. Acesso: 03/jan/2011.

Também é possível destacar, abaixo, que a maior parte das importações chinesas é originada no próprio continente asiático. Isso, possivelmente, seria uma evidência que caracteriza o processo de integração econômica na região.

Tabela 02: Participação chinesa no comercial internacional em 2010

Participação nas exportações mundiais Por destino	Participação nas importações mundiais Por origem
1. União Européia	1. Japão
2. EUA	2. União Européia
3. Hong Kong, China	3. Coréia do Sul
4. Japão	4. Taiwan, China

Fonte: Trade Profile – WTO<sup>3</sup>

Também é possível destacar que a maior parte das importações chinesas é originada no próprio continente asiático. Isso, possivelmente, seria uma evidência que caracteriza o processo de integração econômica na região.

Ao analisar as informações sobre o comércio da China com os EUA e outros parceiros asiáticos, é possível inferir que os volumes das trocas entre eles fomentam significativamente o crescimento chinês e, por conseguinte, o processo de integração econômica. Validando estes parâmetros, a sinalização de um maior engajamento das economias é clara. Fazendo alusão aos princípios liberais constata-se que os resultados das trocas são positivos, uma vez que as aproximações que viabilizam o desenvolvimento econômico tendem a trazer prospectos de superação de conflitos em detrimento das perdas causadas por eles.

Tabela 03: Comércio entre China e Estados Unidos (US\$ Bilhões)

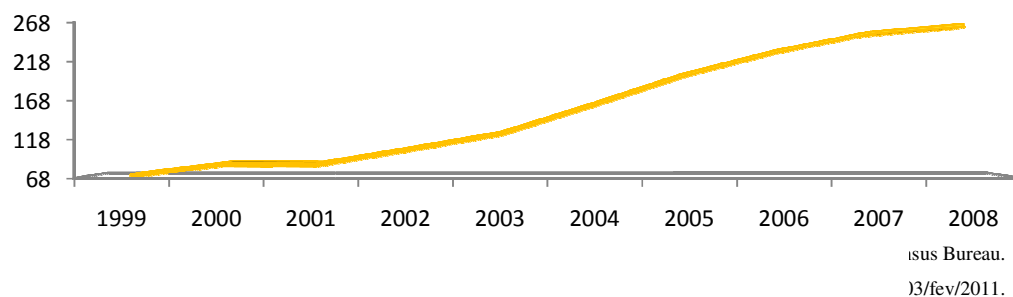
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
EUA Exportações	13.1	16.3	19.2	22.1	28.4	34.7	41.8	55.2	65.2	71.5
% troca	-8	24.4	18.3	15.1	28.5	22.2	20.6	32.1	18.1	9.5
EUA Importações	81.8	100	102.3	125.2	152.4	196.7	243.5	287.8	321.5	337.8
% troca	14.9	22.3	2.2	22.4	21.7	29.1	23.8	18.2	11.7	5.1
Total	94.9	116.3	121.5	147.3	180.8	231.4	285.3	343	386.7	409.2
% troca	11	22.6	21.4	21.2	22.8	28	23.3	20.2	12.7	5.8
EUA Saldo	<b>-68.7</b>	<b>-83.7</b>	<b>-83</b>	<b>-103.1</b>	<b>-124</b>	<b>-162</b>	<b>-201.6</b>	<b>-232.5</b>	<b>-256.3</b>	<b>-266.3</b>

Fonte: US International Trade Commission, US Department of Commerce, and US Census Bureau  
Disponível em: <http://www.uschina.org/statistics/tradetable.html>. Acesso: 03/abr/2011

<sup>3</sup> . Disponível em: <http://stat.wto.org/CountryProfile/WSDBCountryPFView.aspx?Language=E&Country=CN,DE,US>. Acesso: 14/fev/2011.

Com bases nos dados da Tabela 03 (comércio entre China e EUA), é perceptível a disparidade entre exportações e importações dos dois países. Os EUA apresentam absoluta desvantagem comercial, com a média crescente de déficit anual na ordem de US\$ 20 Bilhões (ver Gráfico 02). No entanto, os EUA têm expectativa de que a China irá abrir o seu desmedido mercado consumidor aos seus produtos. As mercadorias chinesas inundam as prateleiras mundiais e o resto do planeta espera ansiosamente o momento em que seus produtos entrarão efetivamente no mercado chinês.

Gráfico 02: Crescimento do déficit norte-americano no comércio com a China (US\$ Bilhões)



Por fim, vale salientar que as altas taxas de crescimento obtidas pela China nas últimas décadas podem não ser repetidas no futuro, trazendo um cenário não tão favorável ao desempenho econômico do país. O desenvolvimento chinês depende diretamente da exploração de matérias-primas e recursos energéticos, especialmente o petróleo. O alto nível de destruição ambiental provocado para que a China chegasse à posição atual pode minar o desenvolvimento futuro da nação. Impactos ambientais são revertidos em perdas econômicas.

*Between the 1920s and the 1970s the Changjiang (Yangtze River) flooded every six years. From the 1980s onward it flooded every two or three years and on a much larger scale. The 1998 flood led to 3,656 deaths and Yuan 300 billion in damage. Premier Zhu admitted the main reason for flooding was over-logging along the big river. [...] A logging ban was implemented in 1999, and a major proportion of the one million woodcutters were reassigned to tree planting. In theory this was a good idea, but in reality local governments had little incentive to implement the ban. A rise in wood prices resulted in even less incentive, and in fact encouraged local authorities to unite with private business to engage in illegal but profitable logging. Meanwhile, in order to export more wooden goods to the whole world, China*

*is beginning to import raw woods from other countries, compounding the impact of global de-forestation. [...] China has almost one-quarter of the world's population but only 6 percent of its fresh water. The big leap forward to capitalism in China resulted in serious pollution of rivers and fresh water resources as a whole all over China. Booming manufacturing also consumes large amounts of fresh water. In the next two decades, annual industrial water use could grow from 52 billion tons to 269 billion tons. As a result now two third of the nation's six hundred cities are facing inadequate supplies of fresh water, simply because many rivers are drying up or are heavily polluted by factories and sewage. (YUFAN, 2006)*

Desta forma, nota-se que a China atualmente é um importantíssimo ator no comércio internacional, galgando posições, fomentando as relações interestatais regionais e globais, promovendo seu desenvolvimento a largos passos. A relação comercial com os EUA é visivelmente positiva para o país asiático, observado saldos extraordinários e impondo dificuldades aos norte-americanos. Contudo, a altíssima dependência chinesa de recursos naturais e sua enfraquecida política ambiental podem vir a arrefecer o atual quadro de crescimento do país. Ademais, a legitimidade do governo ditatorial chinês está diretamente ligada ao seu desenvolvimento econômico. De acordo com Beeson (2009, pp. 109), a crescente população chinesa irá resguardar o seu governo enquanto os resultados comerciais se mostrarem positivos, ou seja, sérios distúrbios econômicos podem significar uma grave crise política.

## **2.2. Aspectos militares**

Transparência militar é um dos imperativos internacionais desde que o controle da difusão de armamentos nucleares tornou-se pauta de diversas conferências do pós II Guerra Mundial. A partir da década de 1990, a China iniciou oficialmente sua participação nos mecanismos internacionais de transparência militar. Isto pode ser observada na declaração oficial do Sr. Cheng Jingye (Embaixador Chinês para Assuntos de Desarmamento)<sup>4</sup>.

*The Chinese government has all along attached great importance to military transparency and is committed to confidence building with all other countries. Since 1995, we have published five white papers on national defense and two white papers on arms control, disarmament and non-proliferation, which illustrate China's national defense policy, progress in national defense development and our endeavors for arms control and non-proliferation. Moreover, we have conducted a series of bilateral and multilateral exchanges in the promotion of transparency in military matters.*

---

<sup>4</sup> Statement on China's Participation in the UN Military Transparency Mechanism by H.E. Mr. Cheng Jingye, Ambassador for Disarmament Affairs of China, at the Plenary of the Conference on Disarmament, 2007. Disponível em: <http://www1.fmprc.gov.cn/eng/errorpath/t359887.htm>. Acesso: 10/mar/2011.

A política de transparência não implica na desistência dos investimentos militares ou sua redução. Desta forma, destaca-se que nas últimas décadas o orçamento chinês destinado à defesa tem representado, em média, 1,95% do PIB nacional (ver Tabela 04).

Tabela 04: Verbas destinadas à defesa (China)

<b>Ano</b>	<b>1999</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>
<b>Verbas (US\$ Bi)</b>	21,6	23,7	28,5	33,4	36,4	40,6	44,9	52,2	57,8	63,6
<b>% do PIB</b>	1.8	1.8	2.0	2.1	2.1	2.0	2.0	2.0	2.0	1.7

*Fonte: SIPRI – Military Expenditure Database*

Como pode ser inferido nos dados recém apresentados, no intervalo de dez anos, a China triplicou seus investimentos militares. De acordo com relatório apresentado à ONU, os dirigentes do país consideram os investimentos militares chineses relativamente baixos, quando comparado aos gastos de outros países – a média mundial gira em torno de 3% (SIPRI).

Sendo a maior potência mundial, os EUA, ao longo do século XX, construiu um vasto arsenal – sendo isso resultado da Guerra Fria e de políticas para despontar sua hegemonia. Atualmente, os gastos bélicos norte-americanos não são comparáveis com o de nenhum outro país, tamanha sua grandeza. As despesas militares estadunidenses podem ser acompanhadas na Tabela 5 a seguir:

Tabela 5: Verbas destinadas à defesa (EUA)

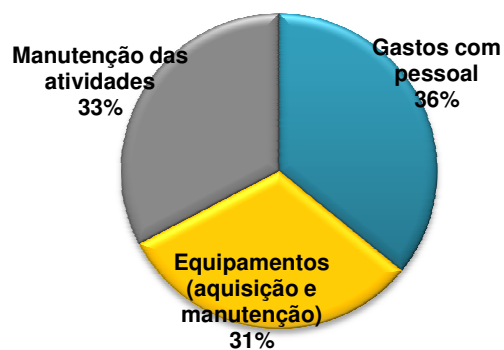
<b>Ano</b>	<b>1999</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>
<b>Verbas (US\$ Bilhões)</b>	329,4	342,0	344,0	387,0	440	480	503	511	524	548
<b>% do PIB</b>	3.0	3.1	3.1	3.4	3.8	4.0	4.1	4.0	4.0	4.0

*Fonte: SIPRI – Military Expenditure Database*

Há dez anos, os investimentos militares chineses não somavam 10% dos gastos estadunidenses. Hoje, a China investe pouco mais de 10% do valor empregado pelos EUA. O país asiático destina verbas à basicamente três categorias:



Gráfico 03: Áreas de investimento militar chinês (%)

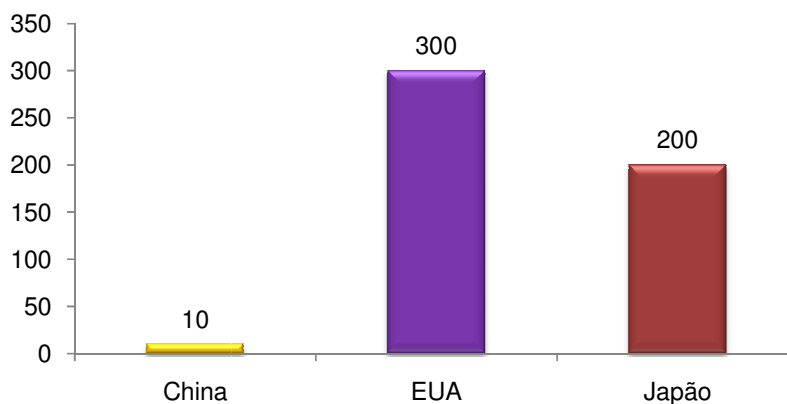


Fonte: <http://globalsecurity.org/military/world/china/budget.htm>.

Acesso: 13/mar/2011.

De acordo com documento<sup>5</sup> oficial expedido pelo governo da China, o país não apresenta condições militares tão ameaçadoras, como inferido por norte-americanos, japoneses e alguns países europeus. Mesmo com seu exército de 2,5 bilhões de soldados, a China apresenta gasto militar per capita muito inferior aos EUA e ao Japão (ver Gráfico 04). Contudo, há que se considerar a superioridade numérica da população chinesa.

Gráfico 04: Verba militar per capita (US\$ Milhares)



Fonte: *China's defense still fairly low: official.*

Disponível em: <http://au.china-embassy.org/eng/wgc/t71626.htm>. Acesso: 13/mar/2011.

Estimar precisamente as despesas militares dos países é algo difícil. Apesar da demanda internacional por transparência no setor, agências governamentais e centros de estudos voltados para o assunto, geralmente, encontram números diferentes para o

<sup>5</sup> *China's defense spending still fairly low: official.* Disponível em: <http://au.china-embassy.org/eng/wgc/t71626.htm>. Acesso: 13/fev/2011.

mesmo objeto. Uma das explicações mais recorrentes trabalha com a hipótese da flutuação cambial/conversão de divisas como cerne da interferência nos valores finais.

A China, como os outros países que possuem tecnologia nuclear de guerra, está atualizando, modernizando e aprimorando suas forças atômicas. O debate sobre o desenvolvimento é unilateral, os Estados Unidos acusam o Governo chinês de ter intenções agressivas, referendando sua posição ao destacar seletivamente qual é o “real” desenvolvimento buscado pelos chineses<sup>6</sup>. Esse tipo de discurso é geralmente encabeçado pelos acadêmicos conservadores e pela extrema direita da mídia norte-americana, entretanto, os chineses nunca se opuseram formalmente a esse tipo de provocação. Ao contrário, a China aproveita esse âmbito de segredo e julgamento para esconder a escala, o alvo e propósitos da sua modernização.

O cerne da preocupação norte-americana reside no fato dos Estados Unidos serem um possível alvo do arsenal chinês. Desde o período da Guerra Fria, a China vem obtendo sucesso em seu programa nuclear. Atualmente, a área continental estadunidense faz parte do espectro de alcance dos mísseis balísticos chineses. (ver Figura 01). Além do mais, a China possui tecnologia A-SAT<sup>7</sup>, o que leva sérias preocupações ao governo dos EUA.

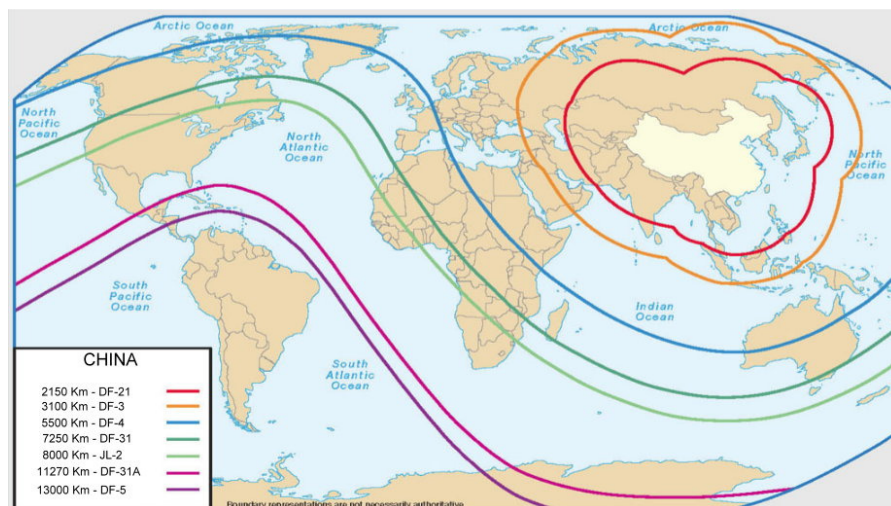
*The most serious trouble for America from China is Chinese military build-up. January 11th of this year China conducted an unprecedented anti-satellite missile test (A-SAT). They fired a missile that travelled through space and hit a Chinese weather satellite destroying it and creating sixteen thousands of pieces of debris which pose a threat to other satellites. U.S. officials were shocked by this development because U.S. intelligence estimates of China's military have been stating for years that China was ten, fifteen and maybe twenty years behind the United States. That they were so far behind that there was no way China could pose a threat. What the Chinese A-SAT showed was that China is not seeking to follow the U.S. missile for missile, ship for ship, submarine for submarine. They are going after other weapons; they are trying to leap ahead with special technology. And they are doing this in a number of key areas, one of which is anti-satellite weapons. Within the next 5 years China will have the capability of destroying all U.S. lower orbit satellites. Basically this could be the modern day equivalent of a space Pearl Harbor against the United States. (GERTZ, 2000, pp. 67)*

---

<sup>6</sup> Report on China's Military Power 2006 – US Department of Defense.

<sup>7</sup> Tecnologia militar em que um míssil é lançado de uma base terrestre e atinge um satélite que está orbitando. Míssil anti-satélite.

Figura 01: Mapa de alcance dos mísseis balísticos nucleares da China

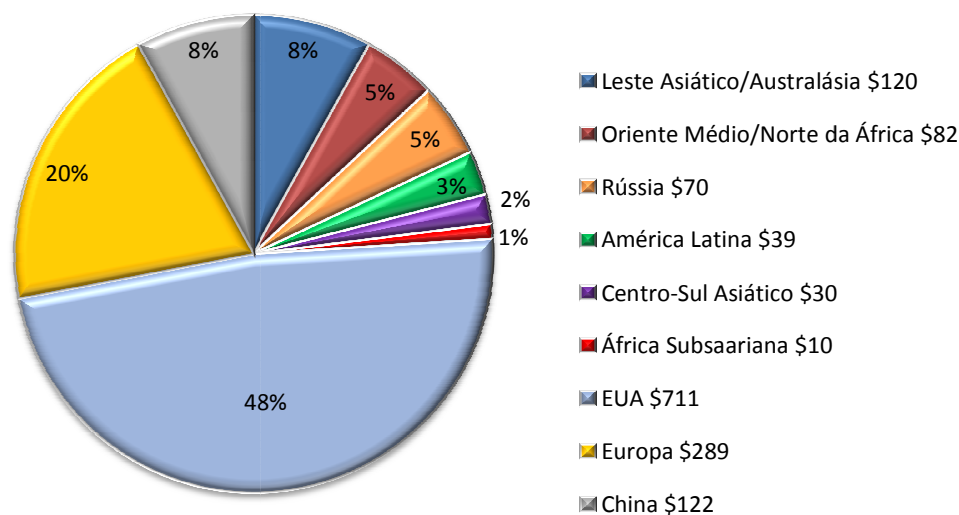


Fonte: Report on China's Military Power 2006 – US Department of Defense

É com base nas informações apresentadas – investimento anual crescente, largo alcance de mísseis nucleares, aquisição de tecnologia de ponta – que os EUA consideram a China uma ameaça. Ademais, da mesma forma que outros países, ao adquirir novos equipamentos mais sofisticados e eficientes, a China se desfaz dos seus acessórios antigos. Porém, a comunidade internacional aponta indícios da venda de equipamentos de alta tecnologia nuclear a países como a Coreia do Norte – considerado um *rogue state*.

Mesmo com esses indicadores é necessário destacar, comparativamente, o nível de investimentos de vários países e regiões do mundo. Isto porque, os EUA, consideram a China um enorme desafio do século vigente – seja em suas vertentes militar ou econômica. Desta forma, ao mostrar este novo indicador é possível observar mais claramente o que a China é e o que ela representa militarmente para os EUA e para o resto do mundo (ver Gráfico 05).

Gráfico 05: Despesas militares no mundo, 2008 (US\$ Bilhões e % mundial)



Fonte: Center for Arms Control and Non-Proliferation

Disponível em: <http://www.globalissues.org/article/75/world-military-spending>.

Acesso: 13/fev/2011.

Por fim, a análise deste último permite observar a discrepância entre os EUA e as outras regiões ou países. Nota-se claramente sua superioridade em investimentos. Ademais, é possível observar que as despesas chinesas acumulam quase 50% do total de investimentos militares asiáticos somados ao continente da Oceania. Logo, apesar de estarem muito distantes dos gastos estadunidenses, os investimentos do PLA são consideravelmente altos para o âmbito regional.

### 2.3. Considerações sobre os aspectos econômicos e militares da China

Fazendo alusão às informações discutidas nos tópicos anteriores deste Capítulo, é possível verificar que economicamente a China pode impor dificuldades ao comércio realizado com os EUA, e vice-versa, uma vez que a China é muito mais dependente economicamente dos EUA do que o contrário. Concomitantemente, seu desempenho econômico frente aos outros países também consagra a China como maior economia emergente do mundo. Isto se deve, entre outros aspectos, ao massivo investimento estrangeiro direto no país, provocado pelas facilidades apresentadas pelo governo chinês – incentivos fiscais muito atraentes aos investidores e contingente excessivo de mão-de-obra barata.

Além do mais, o país não se mostra um grande importador de bens de consumo industrializados, como os que são exportados pelos EUA, Europa e Japão. Este fator contribui consideravelmente para que a pauta de importações chinesa não se comprometa com produtos de alto valor agregado. Nesse sentido, geralmente, os valores gastos com as compras em outros países são essencialmente em favor dos chineses, especialmente quando se trata dos EUA.

Sendo assim, é válido ressaltar que o aspecto econômico das trocas entre EUA e China é fator que remete a altíssimos níveis deficitários para o país ocidental, o que poderia ser um fator de descontentamento norte-americano em relação aos chineses.

Por outro lado, em relação às capacidades militares outra lógica é percebida. No modelo de guerra atual, adversários inferiores foram obrigados a desenvolver maneiras assimétricas de desafiar o rival superior.

Os norte-americanos alteraram a forma tradicional de guerra, o que forçou os inimigos a se adaptar com o objetivo de impedir que os EUA impusessem sua própria lógica no conflito. A superioridade militar não foi suficiente contra, por exemplo, os atentados do 11 de Setembro.

O exército chinês também abraçou os preceitos dessa estratégia contra a superioridade das outras nações. Enquanto os chineses garantem a posse de Taiwan, eles também devem se preocupar com o comprometimento norte-americano com a defesa da ilha.

Os chineses enfrentam o dilema de ter que defender Taiwan e ao mesmo tempo assumir que não têm força militar tradicional suficiente para defender seus interesses. Assim, a China decidiu investir em táticas militares não tradicionais, mais conhecidas como estratégias de anti-acesso – *battlespace-denial* ou *anti-access strategy* (SAYERS, 2007).

A estratégia de anti-acesso chinesa é comprometida com as esferas militar e política (“*breaking the enemy’s resistance without fighting*”). Os chineses buscam impedir que porta-aviões e navios militares estrangeiros cheguem até Taiwan e, desta forma, a vigilância marítima e aérea, associada a mísseis manobráveis de alto alcance e um sistema de ataque, os chineses poderiam colocar em jogo o patrulhamento marítimo

norte-americano na região Ásia-Pacífico. O incidente de Hainan, em que um caça norte-americano foi derrubado por chineses, demonstra que o espaço aéreo chinês está sendo amplamente monitorado.

Contudo, a dominância militar norte-americana não é superada. Como apresentado anteriormente, a capacidade militar dos EUA é muito superior à dos chineses. Nesse sentido, a China pensa suas ações militares através de táticas defensivas e, por conseguinte, a pensada ameaça chinesa, ou seja, a visão da China como um país que ameaça a paz apresenta inconsistências.

### CAPÍTULO 3 – O CRESCIMENTO CHINÊS VISTO COMO UMA AMEAÇA À LÓGICA VIGENTE DO SISTEMA INTERNACIONAL

A concepção do crescimento chinês como ameaça à ordem internacional é fator recorrente nos estudos realistas sobre o assunto. Majoritariamente, a China é entendida como o país que mais apresenta ameaças à ordem dominada pelos EUA desde o fim da Guerra Fria. A nova dinâmica regional imposta aos atores asiáticos desde que a China tornou-se um ator destacado mundialmente é assistida como um possível processo de transição de poder no continente asiático. Alguns autores fazem alusão à *Pax Sinica*: a dominação da Civilização Chinesa no Leste Asiático devido ao seu poder político, econômico, militar e cultural.

Potências mundiais e atores regionais temem que a riqueza gerada através do alto volume comercial chinês seja amplamente empregada em seu desenvolvimento militar. Para realistas como, John J. Mearsheimer (2001, p. 399), a China busca se tornar, também, uma potência militar na tentativa de impor seus interesses a outros atores. A possível militarização chinesa proporcionaria a expansão da influência daquele país na região, se tornando, na concepção daquele autor, um hegemom regional e impondo dificuldades aos laços dos países ocidentais na região.

*Every aspect of the existence of the People's Republic of China as a political entity is seen as a possible danger. Because of the defense modernization, the increase of the defense budget and the recent Taiwan Strait crisis, for some, China is a military threat. Because China has adopted a political system different from the liberal democracy existing in the West, some have concluded that China is a political threat. These definitions fit well with the different considerations stemming from the abundant literature on the China Threat Theory. (ATEBA, 2002, p. 1)*

De acordo com Christensen (1999, in BROWN, 2000, p. 135), há ampla argumentação entre analistas e acadêmicos referente ao elevado grau de instabilidade no leste asiático, superando as distensões no leste europeu:

*Whether one looks at variables favored by realists or liberals, East Asia appears more dangerous. The region is characterized by major shifts in the balance of power, skewed distributions of economic and political power within and between countries, political and cultural heterogeneity, growing but still relatively low levels of intraregional economic interdependence, anemic security institutionalization, and widespread territorial disputes that combine natural resource issues with postcolonial nationalism.*

Nesse sentido, é possível afirmar que autores dessa vertente consideram o Leste Asiático uma região instável e com características que viabilizariam um conflito entre potências. Mais especificamente Bill Gertz, autor do livro *The China Threat* (2000), expõe considerações sobre a China como ameaça a presente ordem mundial. Em seu livro, Gertz explica o que seria a Teoria da Ameaça Chinesa e corrobora suas idéias através de pontos para a conformação dessa visão quem impõe desafios países ocidentais.

*A fundamental lesson of the twentieth century is that democracies cannot coexist indefinitely with powerful and ambitious totalitarian regimes. Sooner or later the competing goals and ideologies bring conflict, whether hot war or cold, until one side prevails. [...] The People's Republic of China is the most serious national security threat the United States faces at the present and will remain so into the foreseeable future. This grave strategic threat includes the disruption of vital U.S. interests in the Pacific region and even the possibility of a nuclear war that could cost millions of American lives. [...] The China threat demands a strategic response from the United States, not ad hoc policies that have failed in promote real change within the dictatorial government in Beijing. (GERTZ, 2000, p. 199)*

De acordo com as premissas do realismo, um cenário internacional compatível com a lógica assistida atualmente deve prevenir o acelerado crescimento chinês. Assim como outros autores, Gertz defende uma postura mais radical por parte sistema contra a China – país que impõe sérios riscos à dinâmica de poder e interesses ocidentais no continente asiático.

*Those who insist, ignorantly or deliberately, that China is not a threat put great faith in the supposedly democratizing effect of increased trade with the West. Unhappily, there is little evidence that the Beijing dictatorship has been undermined by such trade. [...] The China threat is real and growing. The solution is not trade but democracy. But as China's leaders have made clear, their current program of modernization leaves out democratic reform. (Idem, p. 22)*

O autor acredita que a China só deixará de ameaçar o *status quo* das potências ocidentais quando seu governo se tornar democrático. Nesse sentido, pode-se concluir que Gertz faz alusão à Teoria da Paz Democrática. Esse modelo apóia-se na premissa que democracias não entram em conflito entre si, o retrospecto histórico mundial corrobora esta definição.

Consoante com as idéias anteriores, temos John J. Mearsheimer expondo o perigo do surgimento de um hegemon regional no leste asiático. O autor destaca que o crescimento econômico chinês pode levar o país a se tornar uma grande potência mundial, inclusive superando os EUA. A continuidade desse desenvolvimento



econômico em surpreendente escala transformaria o país em uma potência militar. Por conseguinte, a China seria capaz de impor limites a atuação de outros atores no continente.

*China's prospects of becoming a potential hegemon depend largely on whether its economy continues modernizing at a rapid pace. If that happens, and China becomes not only a leading producer of cutting-edge technologies, but the world wealthiest great power, it would almost certainly use its wealth to build a might military machine. Moreover, for sound strategic reasons, it would surely pursue regional hegemony, just as the United States did in the Western Hemisphere during the nineteenth century. So we would expect China to attempt to dominate Japan and Korea, as well as other regional actors, by building military forces that are so powerful that those other states would not challenge it. We would also expect China to develop its own version of Monroe Doctrine, directed at the United States. Just as the United States made it clear to distant great powers that they were not allowed to meddle in the Western Hemisphere, China will make it clear that American interference in Asia is unacceptable. (MEARSHEIMER, 2001, p. 401)*

Mearsheimer (Idem, p. 402) sugere que os EUA apresentam interesse significativo no arrefecimento da economia chinesa. Contudo, especialmente desde o governo Clinton (1993-2001), as interações entre os dois países têm seguido direção oposta – este item pode ser observado na Tabela 08.

*In the mid-nineties, as the discussion about the appropriate reaction to the expected rise of China began, containment was above all favored by conservative Republicans in Congress. But the dominant view in the Clinton administration saw no alternative to the strategy of engagement. It was thought that a policy of containment might be necessary at some point, but until then there was still enough time to change course. The Clinton administration did not look favorably on the policy of containment. According to administration estimates, the US lacked alliance partners for a new policy containment, and such a reorientation of American policy would necessarily strain relations with friendly states in the region. It appeared that the biggest concern within the Clinton administration was that a cold war with China would have had enormous negative consequences, including higher defense expenditures, economic losses, paralyzation of the UN Security Council, and irresponsible Chinese behavior. (RUDOLF, 2006, p. 11)*

A interpretação realista para a política adotada pelos EUA é de que o caminho que está sendo tomado é errado. Ao contrário do que foi feito nas últimas décadas, o governo norte-americano deveria antecipar a implementação de políticas para mitigar o crescimento chinês antes que seja tarde. Para aqueles de visão realista, infalivelmente a China irá expandir sua influência de tal maneira que, ao alcançar o status hegemônico regional, o país irá buscar a maximização de seus interesses, tornando-se um grande obstáculo.

O autor considera que a continuidade dessa política amigável perpetrada pelos EUA em relação à China não irá proporcionar a ascensão pacífica do país. Muito pelo contrário. John J. ressalta os aspectos basilares da política internacional que apontam o desejo de qualquer país em se torna tornar um hegemon. O objetivo máximo do Estado é acumular poder relativo, somente assim seus interesses são maximizados. Ao dar condições para que a China se torne uma grande potência, os Estados se enganam ao acreditar que o crescimento chinês não trará obstáculos significantes ordem mundial atingida no pós guerra fria.

*A wealthy China would not be a status quo power but an aggressive state determined to achieve regional hegemony. This is not because a rich China would have wicked motives, but because the best way for any state to maximize its prospects for survival is to be the hegemon in its region of the world. (MEARSHEIMER, 2001, p. 402)*

Mearsheimer acredita que a própria estrutura do sistema internacional irá forçar outros atores a alterar sua postura em relação à China. Ademais, para o autor, os chineses ainda estão longe de se tornarem um hegemon regional, o que dá aos outros países mais tempo para implementar uma política que impeça o vertiginoso crescimento da influência do Dragão Vermelho em seu continente.

O crescimento militar e econômico da China pode representar um desafio aos interesses internacionais de múltiplos agentes e ao equilíbrio de poder no Leste Asiático. Robert Ross (2005, p. 2) destaca que a continuidade da transformação na Ásia irá provocar tensões expressivas nas relações entre China, Japão, Índia, diversos países europeus e EUA e, desta forma, crescente instabilidade regional. O autor observa que os EUA devem se esforçar para evitar maiores interações regionais, mantendo o continente dividido. A polarização da região se mostrou eficiente ao longo da Guerra Fria e essa estratégia deveria ser adotada novamente com o objetivo de mitigar a integração chinesa aos outros atores regionais.

*The United States has one clear and overriding security interest in East Asia: the region must be divided by two or more great powers. [...] If this region remains divided between contending powers, then a regional power will not be able to achieve regional hegemony. (ROSS, 2005, p. 3)*

Um dos fatores que também proporcionaria o surgimento de nova dinâmica de influências na Ásia remete ao papel negativo desenvolvido pelos EUA no continente no século XXI. As incursões militares norte-americanas em países asiáticos, como

Afeganistão (2001) e Iraque (2003), ajudam na propaganda anti-estadunidense em meio às populações da região.

Este fator abre espaço para que um novo ator, que apresente maior apelo às causas regionais, seja fortalecido em relações comerciais ou de segurança. Atualmente, a China é o maior parceiro comercial do Afeganistão, além de promover ajuda internacional ao país flagelado pelo conflito com os norte-americanos: “*In May 2002 and May 2003, the two sides signed the agreement on economic and technical cooperation for China to provide Afghanistan an aid given gratis of 30 million and 15 million respectively in US dollars.*”<sup>8</sup>

A China se tornou o maior parceiro comercial do mundo árabe, suplantando os EUA<sup>9</sup>. O motivo anterior é levado em conta, mas este fato também é fruto do alto nível de importações de recursos naturais por parte da China e do baixo custo de produtos manufaturados chineses.

Nesse sentido, a China vai tomando cada vez mais o espaço que antes era ocupado pelos países ocidentais. Por conseguinte, os laços entre os países do continente vão sendo reforçados. Autores que defendem o arrefecimento do crescimento chinês destacam a necessidade de nova política para que a presença das economias ocidentais cresça na região e o seu status seja restaurado antes que seja irreversível.

A partir de parâmetros realistas, a transição de poder na Ásia não acontecerá de maneira pacífica, uma vez que forças endógenas do sistema internacional farão com que os países vizinhos se aliem às potências mundiais em busca do equilíbrio de poder (MEARSHEIMER, 2005, p. 1). Há profunda ansiedade em relação à continuidade das políticas de integração entre China e o ocidente. O receio é que num dado momento a China alcance um estágio em que será impossível contrabalancear seu poder, se não através de um oneroso conflito.

As perspectivas adotadas por esses autores agregam características de um mundo estruturalista. O sistema internacional demandará dos Estados um comportamento para estabelecer quadro de equilíbrio. Se o crescimento chinês impõe desequilíbrio às

---

<sup>8</sup> *China and Afghanistan.* Disponível em: <http://www.fmprc.gov.cn/eng/wjb/zzjg/yzs/gjlb/2676/t15822.htm>.

<sup>9</sup> *Middle East-China trade expected to top US\$100 billion by 2010.* Disponível em: <http://www.ameinfo.com/119439.html>.

relações locais, é natural que os Estados tentem contrabalancear a situação através de alianças ou políticas que freiem a expansão chinesa.

Os mais radicais, ou sensatos como eles mesmos definem, não acreditam de maneira alguma na possibilidade de convivência entre os dois regimes – capitalista e socialista. Esses confiam no poder que o sistema internacional exerce sobre os Estados e esperam uma reação norte-americana similar àquela postura em relação à ex-União Soviética nos tempos de Guerra Fria.

*It is clear that the United States cannot expect in the foreseeable future to enjoy political intimacy with the Soviet regime. It must continue to regard the Soviet Union as a rival, not a partner, in the political arena. It must continue to expect that Soviet policies will reflect no abstract love of peace and stability, no real faith in the possibility of a permanent happy coexistence of the Socialist and capitalist worlds, but rather a cautious, persistent pressure toward the disruption and weakening of all rival influence and rival power.*  
(KENNAN, 1947, p. 9)

Historicamente, os EUA buscaram manter a Ásia atomizada, a partir de acordos bilaterais, isto é, ao formar diversos acordos bilaterais os EUA impediram que os países da região se tornassem aliados entre si, como acontece em um acordo multilateral. Os EUA fizeram acordos bilaterais, por exemplo, com o Laos e com o Vietnã do Sul. Isso explica que apenas os EUA têm elos políticos de defesa com esses países, o Laos e o Vietnã do Sul não tem acordo algum de defesa entre eles. Caso o acordo fosse multilateral, os países asiáticos se integrariam para a formação de um bloco de defesa, como visto na Europa do pós II Guerra Mundial.

De acordo com Beeson (2009, p. 98) essa política de acordos bilaterais favoreceu os EUA ao não permitir que a Ásia se engajasse internamente, ou seja, não houvesse movimentos para integração regional. Quanto mais atomizado, melhor para o ocidente, pois isso impediria o aparecimento de um grande ator regional capaz de influenciar os demais. No caso do surgimento de um hegemom regional, os outros Estados iriam contrabalancear aquele ator ascendente por não terem nenhum tipo de elo com ele.

Durante a Guerra Fria, os EUA formaram múltiplas alianças para deter o expansionismo comunista no continente. Nos anos 1960, houve significativa aproximação entre os governos da China e dos EUA. Isso ocorreu em um momento de adversidade entre chineses e russos, a chamada Ruptura Sino-soviética. Ao desenvolver

seu programa nuclear, a China provocou reações negativas na ex-URSS. O resultado foi a interrupção das relações entre os dois países até 1989.

Do ponto de vista do Realismo, isso pode ser nitidamente relacionado a uma tentativa de equilíbrio de poder. A Revolução de 1949, liderada por Mao Tse Tung, tinha por objetivo se livrar da dominação de potências estrangeiras. A URSS tratava a China como um país satélite, o que claramente incomodava Mao. A crise nuclear e as desavenças políticas provocaram a ruptura entre os dois países.

Ao perceber que o maior parceiro soviético deu as costas ao Kremlin, os EUA aproximaram-se da China. Esse processo de permitiu que a China se consolidasse no cenário internacional, especialmente com sua cadeira no CSNU. Além do mais, Taiwan foi reconhecida como parte do país. Uma manobra de contenção à URSS reverteu-se em integração da China ao mundo. Naquele momento, o importante para a política estadunidense era conter a URSS. Desde então, ou seja, a partir da década de 1970, a China vem se inserindo cada vez mais na lógica liberal. Os primeiros passos para o crescimento chinês foram dados em 1979, com a abertura econômica do país. Hoje, trinta anos depois, de acordo com realistas, o país oferece riscos ao sistema.

A atual significância internacional da China é baseada em seu rápido crescimento econômico e em sua ascendente integração na economia mundial. O poder militar chinês cresce a cada ano, mas apresenta limitações acentuadas em relação aos grandes atores nucleares. Contudo, os investimentos militares da China crescem mais do que o de qualquer outro país no continente. É este fator que preocupa as sociedades vizinhas, especialmente Japão, Índia e Taiwan, além dos EUA.

A China, através de sua força econômica, militar e cultural vem multiplicando sua influência regional, mais especificamente em áreas onde outros atores não dão muita atenção. Mundialmente, a ideologia chinesa e outros aspectos de soft power não apresentam apelo significativo. Nesse sentido, o país tenta reforçar e construir relações positivas dentro do próprio continente asiático. É, também, seguindo esta direção que os diversos países vêm perdendo espaço.

A conformação de um quadro de disputa hegemônica no Leste Asiático traria componentes complexos para as relações políticas e econômicas dos Estados mais ativos na região Ásia-pacífico. Motivos estruturais do sistema internacional levarão os

países à competição e à tentativa de mitigar o crescimento chinesa. Os autores que apóiam políticas mais duras contra a China acreditam que há reais chances de conflito devido à questão de Taiwan.

Prever o que acontecerá no estreito de Taiwan é algo muito difícil. São múltiplos cenários que, em sua maioria, projetam-se negativamente. Nos últimos anos, foi possível observar que a tendência dos gastos militares das duas regiões caminhou para lados opostos. Enquanto a China aposta cada vez mais no fortalecimento de suas capacidades de defesa, Taiwan, por outro lado, viu seus gastos militares diminuir sensivelmente. Enquanto os gastos chineses em defesa atingem US\$ 60 bilhões, a verba militar taiwanesa não passa de US\$ 6 bilhões<sup>10</sup>.

A discrepância entre a capacidade militar da China e de Taiwan é um dos motivos que levam alguns a acreditar que uma coalizão ocidental poderia intervir em um possível conflito naquela região. Este é um fator que promove nos chineses a necessidade de se preparar para um possível desarranjo com os EUA.

*The unclear and shifting rhetoric from the United States has caused confusion in China as to whether the United States would intervene in a conflict, or, more accurately, what type of scenario would elicit U.S. intervention. Accordingly, the PRC has developed a series of strategies to avoid U.S. intervention by appearing less warlike (such as a “low” blockade), as well as strategies for dealing with U.S. intervention if the line is crossed. (CARPENTER, 2006, p. 161)*

As informações apresentadas neste capítulo sugerem implicações para os Estados na eventualidade de transição de poder no continente asiático. Esse apelo para coibir o crescimento chinês é embutido de caráter determinista daqueles aportes teóricos que trabalham com a possibilidade de mudança em um sistema internacional anárquico. Nesse modelo, alguns sugerem que o próprio sistema internacional irá compelir os Estados a contrabalancear qualquer tentativa de mudança na ordem vigente.

Historicamente, a tentativa imperialista acentuada provocou nos atores do sistema a tendência de combater tal transformação. O retorno ao equilíbrio de poder e a manutenção do *status quo* são características primordiais de teorias estruturalistas.

É pertinente recordar que autores contencionistas postulam que integrar a China ao mundo é um erro, pois os EUA estarão abrindo portas para o surgimento de um novo

---

<sup>10</sup> 2008 National Defence Report. Disponível em: <http://www.mnd.gov.tw/English/Publish.aspx?cnid=39&p=723>. Acesso: 13/fev/2011.

hegemon regional. De acordo com o Realismo, isso não é positivo para os EUA, pois reduz sua esfera de influência na região Ásia-Pacífico.

Por fim, autores defendem que os EUA devem reforçar sua presença estratégica no Sudeste Asiático, manter relações mais estreitas com parceiros regionais e voltar a atenção para as possíveis implicações da ascensão chinesa. Mais especificamente, os EUA devem se manter como único hegemon regional (MEARSHEIMER, 2001, p. 98).

## CONCLUSÃO

Pensar a inserção econômica da China no mundo contemporâneo sem levar em consideração as transformações expressivas para as relações comerciais entre os países, é ignorar a significância deste grande ator. O aumento das transações provocou, concomitantemente, o crescimento da economia chinesa e o surgimento de uma nova força política no oriente.

A abertura de mercado iniciativa do governo de Deng Xiaoping foi responsável pela implementação do socialismo de mercado e através de reformas lentas e eficientes, promoveu expressiva transformação interna na CHINA. O resultado daquele processo de inserção eventual de nova lógica de regime no país é visto hoje. A China, com a possibilidade de ação em um sistema, dito, constrangedor transformou as relações internacionais contemporâneas.

Nesse sentido, cabe ressaltar que o ambiente internacional, de acordo com a concepção realista, predominante nos tempos da Guerra Fria, não apresentava condições favoráveis a intensificação das relações entre o mundo e a China. Contudo, isso seria uma prova de que, de acordo com Wendt (*in* Nogueira & Messari, 2005, pp. 176), o ambiente conflituoso (anárquico) é o que os Estados (agentes) querem fazer dele. A anarquia pode se reverter tanto em conflito quanto em cooperação, dependendo do que os Estados querem fazer dela.

Por conseguinte é possível conceber que os Estados têm o poder de redefinir os seus interesses, ou seja, a concepção de interesse nacional não é estática. Nas relações internacionais, o voluntarismo estatal é percebido através dos tratados realizados entre os agentes. Desde a década de 1980, a China vem se engajando em um movimento de multiplicação dos laços regionais, intensificando os vínculos entre os países asiáticos e, eventualmente, galgando patamares de maior influência. Durante o governo de Deng Xiaoping os principais objetivos do Estado eram a segurança nacional, o avanço tecnológico e o desenvolvimento econômico, estes últimos, atualmente, ganharam muita importância.

A compreensão do crescimento chinês, como discutido anteriormente, varia entre dois pontos: o adversário e o companheiro. A percepção da China, até o momento, é de um braço forte do mundo globalizado. Um país que está absolutamente interessado



em seu desenvolvimento econômico sem desafiar militarmente outras potências. O objeto em questão é a ascensão pacífica da República Popular da China.

*Today in East Asia, China is rising peacefully so far. [...] Nationalism is an important force, and there are serious grievances regarding external issues, notably Taiwan. But conflict is not inevitable or even likely. China's leadership is not inclined to challenge the United States militarily, and its focus remains on economic development and winning acceptance as a great power. China is preoccupied, and almost fascinated, with the trajectory of its own ascent. (BRZEZINSKI in BRZEZINSKI & MEARSHEIMER, 2005, pp. 1)*

Para os chineses, a interdependência é mais do que uma característica do SI vigente, é uma grande oportunidade para o seu desenvolvimento que se objetiva na consolidação de uma atípica potência asiática. Fundamentalmente, a estrutura internacional de trocas é observada como uma ferramenta a um país que, em âmbito nacional, difere sensivelmente dos outros Estados.

Hoje, dez anos após a entrada do país na OMC, a China é um grande competidor no comércio internacional. Seus produtos customizados são vendidos a preços imbatíveis e em escala global. A capacidade de produzir bens a baixo custo e com nível tecnológico satisfatório, associado aos altíssimos níveis de investimento estrangeiro, foi responsável pelo sucesso econômico da China.

Assim, a China foi ganhando espaço no cenário internacional. O sucesso chinês deve-se basicamente ao seu bom resultado econômico. Autores que defendem o crescimento pacífico do país observam o papel das escolhas políticas dos dirigentes chineses. O direcionamento político chinês é importante para que suas relações exteriores se apresentem positivamente para seus vizinhos e parceiros mundiais. A China deve se preocupar com a impressão que os parceiros têm de seu governo e sociedade. Ademais, o governo chinês se esforçou muito para não trazer obstáculos e desestruturar as pacíficas relações regionais. A manutenção desse quadro é desejada pelos chineses, o contrário traria perdas significativas.

Em relação aos países vizinhos, o crescimento é visto mais como uma oportunidade do que como ameaça. De acordo com Lincoln (2006, pp. 1), a perspectiva positiva decorre de dois fatores: a taxa de exportação para a China cresceu substancialmente, especialmente com a assinatura do tratado de livre comércio entre a China e a ASEAN; Enquanto o comércio da China com o mundo apresenta altíssimos

superávits, na região o contrário ocorre, ou seja, a China é quem tem déficits. A força do mercado ajuda os Estados a superarem os constrangimentos impostos pelo sistema, nesse sentido é possível sugerir que o comércio, em condições sem a presença de conflitos diretos, se tornou uma engrenagem de surpreendente influência nas relações entre os Estados.

Para os países asiáticos, particularmente, a China é um país grande, que cresce a largos passos, o que beneficia a região. Enquanto alguns países podem apresentar certa preocupação referente às relações de poder regionais, outros voluntariamente expandem o engajamento econômico. De acordo com Lampton (2004, pp. 2), um mundo interdependente requer que os Estados sejam parceiros.

O sudeste asiático não deseja o surgimento de uma nova versão da guerra fria entre Pequim e qualquer outro agente. A eventualidade de um conflito na Ásia iria provocar a derrocada econômica do continente, ou ao menos iria desestabilizar sensivelmente a maioria das economias daquele continente.

Interromper as relações econômicas entre a China e Taiwan, por exemplo, não comprometeria somente o comércio mútuo de celulares, computadores e outros produtos industrializados. Afetaria também a indústria global de tecnologia de informação e os processos de produção de outros países, como os EUA, que dependem diretamente da China e de Taiwan para a aquisição de componentes vitais.

As progressivas e extensas relações econômicas da CHINA com os países vizinhos estão alterando o custo-benefício de possíveis ações militares que possam causar instabilidade no Leste Asiático. Os custos econômicos da volubilidade regional estão crescendo. Os países asiáticos interessados, bem como os EUA, procuram a manutenção de um quadro interdependente estável.

*U.S. policies toward China [...] are based on the globalization-peace hypothesis that posits a progression in the political and economic development of nations that starts from a low level agrarian economy that becomes globalized enters a phase of sustained economic development which then leads to the rise of a middle class (mostly urban) and to greater internal demands for democracy and representative government. The hypothesis posits that democracy governments do not fight each other. Therefore, in this view, efforts to establish democracy ultimately leads to more peaceful relations with other nations. This is one rationale for current U.S. policies of liberalizing trade, facilitating China's membership in the WTO and other international institutions, encouraging communications at all levels, and*

*engaging Beijing on a multitude of fronts.* (CHANLETT-AVERY, 2006, pp. 32)

Para alguns, conter a economia chinesa é como tentar “colocar o gênio de volta na lâmpada”. Os processos comerciais chineses já se desprenderam da estrutura comunista do país e foi eventualmente integrada ao sistema econômico global. Ao contrário da premissa anterior da eventual progressão democrática na China, há aqueles que não acreditam que capitalismo e integração se confundem com democracia.

*Capitalism has no unique path, nor does it require a liberal democratic infrastructure to flourish. Japan's economic rise took place without a fully liberal infrastructure, and most European states, including Britain and Germany, were capitalist before they were democratic. [...] We do need a liberal multilateral order, but not one based on western hegemony. The arrival of China and India will compel the west to learn to be truly plural and multilateral rather than a liberal bully.* (DESAI in DESAI & HUTTON, 2007, pp. 5)

Portanto, o crescimento chinês pode ser entendido como um possível rompimento do binômio capitalismo-democracia, como prescrito na ordem liberal desenhada por potências e organizações econômicas internacionais ao longo do século XX.

Com o fim da GF, foi dado cada vez menos importância para a diferença de regimes. Na Ásia não ocorreu o contrário, as políticas nacionais dos países do Leste Asiático estão transparecendo mais os interesses individuais dos Estados do que seus aportes ideológicos. A China de Deng Xiaoping deixou isso bem claro quando ele disse: “não importa se o gato é branco ou preto, desde que ele pegue o rato” (CHANLETT-AVERY, 2006, pp. 30).

Atualmente, a continuação próspera do desenvolvimento do comércio internacional depende da participação chinesa. Seja como comprador ou fornecedor, a China é imprescindível para o sucesso das trocas internacionais. O mundo precisa de uma China estável e segura para ajudar a construir o século XXI, ter este país como adversário traria sérias dificuldades para o desenvolvimento pacífico do planeta.

Se há algum risco de conflito entre a China e outros países, para alguns autores, isto está relacionado à tentativa de excluir a CHINA da dinâmica comercial internacional, ou seja, na possibilidade de algum país tentar mitigar o seu desenvolvimento econômico. Nesse sentido, a proposta de impedir o crescimento chinês pelo fato de se acreditar que eventualmente a China se tornará um hegemom regional é o

que causaria conflito entre potências. Até o momento a China vem galgando posições pacificamente, dentro das instituições globais e sem postura imperialista. Analisando por este lado, é mais provável que a China irá se tornar uma potência status quo – associando seu sucesso econômico, à influência política e desenvolvimento militar – nos moldes de países desenvolvidos.

Colocando-se em análise o comportamento chinês ao longo de todo o período decorrido de sua abertura econômica até aqui, a Teoria da Ameaça Chinesa é meramente fruto de um plano que não corresponde com a realidade. Em eventos de altíssima tensão entre os EUA e a China, como por exemplo, o chamado “Incidente de Hainan”<sup>11</sup> ou o bombardeio acidental de uma embaixada chinesa por forças da OTAN, em 1999, em Belgrado, os dois países encontraram saídas diplomáticas após um curto período de tensão significativa entre os seus governos.

Assume-se que China e EUA presenciaram episódios com algum risco de embate militar e, no entanto, isso não ocorreu. Casos semelhantes, porém de maior tensão, em que houve ameaça de conflito entre EUA e URSS, como a Crise dos Mísseis, em 1962, em meio à Guerra Fria não resultaram em conflito. Se anteriormente os conflitos eram impedidos pela ameaça nuclear de destruição total, hoje a economia tem papel fundamental para a desconstrução de quadros conflituosos. Logo, a ameaça chinesa não passaria de uma tentativa forçada de impor aspectos teóricos deterministas à realidade.

Nesse sentido, tendo os fatos históricos como uma fonte de embasamento teórico, conceber a China como uma ameaça contradiz os acontecimentos percebidos ao longo das últimas décadas – período em que a China iniciou seu processo de inserção à dinâmica mundial. Até o momento, a China não promoveu conflitos regional ou mundialmente. A entrada da China transformou o cenário comercial internacional através da sua participação em instituições, ou seja, seguindo normas e procedimentos aceitos internacionalmente.

---

<sup>11</sup> O Incidente de Hainan ocorreu em 1º de Abril de 2001 quando um avião de reconhecimento norte-americano chocou-se no ar contra um caça do PLA, causando a morte do piloto chinês. A RPC contestou a versão norte-americana de que a aeronave estava sobrevoando em espaço aéreo internacional. Os chineses acreditam que aquele era um avião de espionagem. Ações diplomáticas promoveram a resolução do incidente.

Por conseguinte é possível observar que o cenário internacional tem espaço para transformações, estas que são frutos de redefinições das políticas estatais. A China, como demonstrado, busca atingir seus objetivos (desenvolvimento social, político e econômico) através da cooperação. Vide a intensificação dos laços regionais e os ganhos apresentados pelos atores vizinhos.

Por fim, a China tem buscado seu desenvolvimento há muitas décadas com sucesso, uma empreitada hegemônica poderia minar todo o trabalho desenvolvido por seus líderes. Claramente a opção que mais traz benefícios é o caminho não conflituoso.

## REFERÊNCIAS

ARRIGHI, Giovanni. *Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do Século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2008.

\_\_\_\_\_. *The Rise of East Asia and the Withering Away of the Interstate System*. Washington, 1997. Disponível em: <http://fbc.binghamton.edu/gaasa95.htm>. Acesso: 20/01/2011.

BARRY-JONES, R. J. *Routledge Encyclopedia of International Political Economy*. EUA: Routledge, 2001, Vol. 2.

BROWN, Michael E.; COTE, Owen R.; JONES, Sean M. Lynn. *Rise of China*. EUA: MIT Press, 2000.

BRUSSI, Antonio J. *A pacífica ascensão da China: perspectivas positivas para o futuro?* Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-73292008000100010&lng=en&nrm=iso#nt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292008000100010&lng=en&nrm=iso#nt). Acesso: 24/02/2011.

BRZEZINKSI, Zbgniew; MEARSHEIMER, John J. Clash of the titans. In *Foreign Policy*, Issue 146, 2005.

BUZAN, Barry; FOOT, Rosemary. *Does China Matter? A Reassessment: essays in memory of Gerald Segal*.EUA: Routledge, 2004.

CARPENTER, Ted Galen. *America's coming war with China*. USA: Pelgrave, 2006.

CHANLETT-AVERY, Emma. *The Rise of China and Its Effect on Taiwan, Japan, and South Korea: U.S. policy choices*. CRS Report for Congress, 2006.

CHENG, Li. *China in the year of 2020: three political scenarios*. This essay is a revised version of a paper that was presented at an NBR conference titled "China 2020: Future Scenarios," Airlie Center, VA, February 15–17, 2007.

\_\_\_\_\_. *China's New Military Elite*. *China Security*, Vol. 3 No. 4 Autumn 2007, pp. 62 – 89.

\_\_\_\_\_. *China's Political Succession: four myths in the U.S.* Disponível em: <http://www.fpiif.org/commentary/0105chinamyths.html>.

COPELAND, Dale. *Economic Interdependence and the Future of U.S.-Chinese Relations*. Em: IKENBERRY, G. J.; MASTANDUNO, M. *International Relations Theory and the Asia-Pacific*. EUA: Columbia University Press, 2003, pp. 323-352.

DENG, Yong. *The Chinese Concept of National Interests in International Relations*. Cambridge University Press: *The China Quarterly*, N° 154, Junho 1998, pp. 308-32. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/655893>. Acesso 12 Fev 2011.

DESAI, Meghnad; HUTTON, Will. *Does the future really belong to China?* Em: *Prospect Magazine*, N° 130, 2007.

ELLIOT, Michael. *The Chinese Century*. Time CNN, 11 jan. 2007. Disponível em: <http://www.time.com/time/printout/0,8816,1576831,00.html>. Acesso: 02/02/2011.

FENG, Zhu; ROSS, Robert. *China's Ascent: power, security, and the future of international politics*. EUA: Cornell University, 2008.

FRIEDMAN, G.; STARR, H. *Agency, Structure, and International Politics: from ontology to empirical inquiry*. EUA: Routledge, 1997.

GERTZ, Bill. *The China Threat: how the People's Republic targets America*. USA: NATL Book Network, 2000.

GILL, Bates. *US, China and World Order*. Washington, USA. The Brookings: 2001.

GUZZINI, Stefano; LEANDER, Anna. *Constructivism and International Relations: Alexander Wendt and his critics*. EUA: Routledge, 2006.

HAASS, Richard. *The Age of Nonpolarity: what Will Follow U.S. Dominance*. Foreign Affairs , May/June 2008.

HOCHUL, Lee. *Balance of Power and Economic Interdependence in the Post-Cold War Northeast Asian International Relations: an empirical study*. USA: Boston, APSA, 2002, pp. 1-24.

IANNI, Octavio. *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. 4<sup>a</sup> Edição.

JACKSON, Robert; SORENSEN, Georg. *Introdução às Relações Internacionais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

JIANWU, He; SHANTONG, Li; POLASKI, Sandra. *China's Economic Prospects 2006-2020*. EUA: Carnegie Endowment for International Peace, Number 83, April 2007.

JOHNSTON, Alastair Iain; ROSS, Robert. *Engaging China: the management of an emerging power*. EUA: Routledge, 1999.

JONES, Alexandra. *Responding to the rise of China*. Em: Security Challenges, N<sup>o</sup> 1, Vol. 3, pp. 17-27, 2007.

KATZENSTEIN, Peter; KEOHANE, Robert O.; KRASNER, Stephen D. *Exploration and Contestation in the Study of World Politics*. EUA: The MIT Press, 1999.

KAUPPI, Mark V.; VIOTTI, Paul R. *International Relations Theory: realism, pluralism, globalism, and beyond*. USA: Allyn and Bacon, 3<sup>a</sup> Ed, 1998.

KEIDAL, Albert. *The Limits of a Smaller, Poorer China*. Financial Times, November 14, 2007.

KISSINGER, Henry. *China: containment won't work*. USA: **Washington Post**, p. A-19. 13 jun. 2005. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2005/06/12/AR2005061201533.html>>. Acesso em: 20 mar. 2011.



KRISTENSEN, Hans M.; NORRIS, Robert S. U.S. Nuclear forces, 2008. In *Bulletin of the atomic scientists*, N° 1, Vol. 64, pp. 50-53, 58, 2008.

KRISTENSEN, Hans M.; MCKINZIE, Matthew G.; NORRIS, Robert S. *Chinese nuclear forces as U.S. nuclear war planning*. USA: Federation of American Scientists & Natural Resources Defense Council, 2006.

LAMPTON, David M. *The United States and China: competitors, partners, or both?* U.S. Foreign Policy Colloquium at George Washington University, June 2004.

MEARSHEIMER, John J. The rise of China will not be peaceful at all. In *The Australian*, November 18<sup>th</sup> 2005.

\_\_\_\_\_. Real World. In *The New Republic*, August 9<sup>th</sup> 2004.

\_\_\_\_\_. *The Tragedy of Great Power Politics*. EUA: Norton Company, 2001.

MESSARI, Nizar; NOGUEIRA, João P.; *Teoria das relações internacionais: correntes e debates*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA. Fact Sheet – *China: Nuclear Disarmament and Reduction of*, April 27<sup>th</sup> 2007.

MIT. *Foreign Policy Index*. Disponível em: <http://www.state.gov/g/drl/rls/hrrpt/2006/78771.htm>. Acesso em: 17/03/2011.

MITRANY, David. *A Working Peace System*. Chicago, USA: Quadrangle Books, 1966.

ODGAARD, Liselotte. *China's Premature Rise to Great Power*. MIT Center for International Studies. August 28, 2008. Disponível em: <http://www.alternet.org/story/51261>. Acesso em: 30 jan. 2011.

PAN, Wei. *The Chinese Model of Development*. Discurso proferido no Foreign Policy Center, Londres. Data: 11 out. 2007.

PEI, Minxin. *The Dark Side of China's Rise*. Foreign Policy, March/April 2006.

PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA NATIONAL PEOPLE'S CONGRESS. *Anti-secession Law of the People's Republic of China*, December 2004.

PINTO, Antonio Pereira. *China: a ascensão pacífica da Ásia Oriental*. Revista Brasileira de Política Internacional, Vol. 48, N. 2. Brasília, Julho/Dezembro. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-73292005000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292005000200004&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 26 fev. 2011. (a)

\_\_\_\_\_. *China e Índia: disputa por soft power (II)*. 2008. Disponível em: <http://meridiano47.info/2008/01/22/220120081309/>. Acesso: 25/1/2011. (b)

ROSS, Robert. *A Realist Policy for Managing US-China Competition*. The Stanley Foundation: Policy Analysis Brief, November, 2005.

SUTTER, Robert. Why does China matter? In *The Washington Quarterly*, N° 27, Vol. 1, pp. 75-89, 2003.

\_\_\_\_\_. *China's Changing Conditions: possible implications for US interests*. U.S. Congress. Joint Economic Committee. *China's Economic Future: Challenges to U.S. Policy*. 104th Congress, 2nd session, Washington, D.C., U.S. Govt. Print. Off. 1998.

\_\_\_\_\_. *China's Rise in Asia: promises and perils*. EUA: Rowman and Littlefield Publishers, 2005.

TKACIK, John. *China's Superpower Economy*. USA: The Heritage Foundation. Webmemo N. 1762, December/2007.

THOMTON, John L. *Long Time Coming: the prospects for democracy in China*. Foreign Affairs, January/February 2008.

VERGERON, Karine Lisbonne-de. *Contemporary Chinese Views of Europe*. England, London: Catham House: 2007.

WOO, Wing Thye. *What are the High-Probability Challenges to Continued High Growth in China?* USA: Brookings Institution, 2007.

XINBO, Wu. *Understanding Chinese and US Crisis Behavior*. The Washington Quarterly, Winter 2007-08, pp. 61–76.

YAHUDA, Michael. *China's Foreign Relations: the long march, future uncertain*. *The China Quarterly*, No. 159, Special Issue: The People's Republic of China after 50 Years (Sep., 1999), pp. 650-659. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/655759>. Acesso: 23/02/2011.

ZHAO, Suisheng. *Chinese Foreign Policy: pragmatism and strategic behavior*. Inglaterra: East Gate Book, 2004.